

LUGAR (TURÍSTICO), TERRITÓRIO USADO E ESPAÇO GEOGRÁFICO: SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA ESTUDO DO TURISMO A PARTIR DA GEOGRAFIA NOVA DE MILTON SANTOS

PLACE (TOURIST), TERRITORY USED AND GEOGRAPHIC SPACE : THEORETICAL SUBSIDIES FOR THE STUDY OF TOURISM FROM THE GEOGRAPHY NEW OF MILTON SANTOS

Hugo Aureliano da Costa¹

Resumo: A análise da atividade turística pode ser realizada a partir de diversas áreas do conhecimento e de distintas correntes do pensamento. A Geografia é uma das ciências que oferece subsídios teóricos para estudos do turismo. Há diferentes correntes do pensamento geográfico contribuindo com o debate desse fenômeno socioespacial e um dos teóricos mais proeminentes da ciência geográfica é o Milton Santos. Este ensaio objetiva apresentar como conceitos e categorias de análise do geógrafo Milton Santos podem subsidiar a análise espacial da atividade turística. Para tanto, serão discutidos os conceitos de espaço geográfico, mundo, território, território usado e lugar (turístico), demonstrando, dessa forma, como os elementos do turismo podem ser compreendidos mediante o arcabouço teórico miltoniano. Para isso, utilizou-se autores da Geografia Nova e correlacionou tal debate com teóricos que discutem as características atuais do turismo. Assim, espera-se que o debate sobre essas categorias de análise e conceitos permita uma compreensão da atividade turística fundamentada em bases geográficas e filosóficas conectadas com a atualidade.

Palavras-chave: Turismo; Território Usado; Espaço Geográfico; Lugar; Lugar turístico.

Abstract: An analysis of tourism can be carried out from different areas of knowledge and from different currents of thought. Geography is one of the sciences that offers theoretical elements for tourism studies. There are different currents of thought contributing to the debate of this socio-spatial phenomenon and one of the most manifest theorists of geographic science is Milton Santos. This essay aims to present how concepts and categories of analysis by geographer Milton Santos can support the spatial analysis of tourist activity. To this end, the concepts of geographic space, world, territory, used territory and (tourist) place will be discussed, thus demonstrating how the elements of tourism can be understood through the Miltonian theoretical framework. For this, authors from Geography New were used and this debate was correlated with theorists who discuss the current characteristics of tourism. Thus, it is expected that debate on these categories of analysis and conceptions will allow the understanding of a tourist activity founded on geographical and philosophical bases connected as the present.

Keywords: Tourism; Used Territory; Geographic space; Place; Tourist place.

¹Mestre e Licenciado em Geografia; Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGE/UFRN; aureliano.hugo@gmail.com.



INTRODUÇÃO

O lugar é o depositário final dos eventos e onde a existência humana efetivamente se realiza. O “existir” exige não apenas os seres humanos, mas também objetos técnicos que rodeiam os homens. Esses objetos, sem dúvidas, são constituintes da existência humana. Não à toa Heidegger (2015) afirma que, para Ser-no-Mundo, só há possibilidade quando o *Dasein* está rodeado de coisas, objetos e utensílios em um determinado lugar, ou seja, no mundo. Assim, a Presença humana necessita de objetos e de um lugar para, de fato, existir.

A existência do Ser se ressignifica ao longo dos anos. Porém, não é apenas o ser humano que muda, as atividades as quais ele realiza também aumentam ou diminuem de importância com o passar do tempo. O turismo, em especial nos últimos 50 anos, despontou como uma das atividades econômicas mais relevantes em nível global e desencadeou uma série de mudanças em âmbito mundial. Atualmente, por exemplo, há debates sobre o direito social ao lazer (NOYA e GOMES, 2019), isto é, sobre a possibilidade de o fazer turístico ser um dos aspectos constituintes da qualidade de vida da população e, portanto, da cidadania. O turismo, por conseguinte, transformou-se em um fenômeno social relevante na sociedade, tornando-se objeto de estudo e de intervenção por parte de planejadores, acadêmicos e do próprio Estado.

Sendo assim, este ensaio objetiva apresentar como conceitos e categorias de análises do geógrafo Milton Santos podem subsidiar a análise espacial da atividade turística. Para tanto, após pesquisa bibliográfica, serão discutidos conceitos de espaço geográfico, mundo, território, território usado e lugar (turístico), demonstrando, dessa forma, como o turismo pode ser compreendido mediante o arcabouço teórico miltoniano. Para isso, utilizou-se autores da Geografia Nova e correlacionou tal debate com teóricos que discutem as características atuais do turismo.

O ensaio está dividido em outras 5 seções, além da presente Introdução. A segunda seção, intitulada “Espaço geográfico: guia para o método”, apresenta como o turismo pode ser compreendido a partir dos elementos do espaço geográfico. Em seguida, em “Território usado: categoria de análise da atividade turística”, discute-se sobre a indissociabilidade das categorias de uso e território no entendimento da prática do turismo. Após, na quarta seção, “Mundo, território e lugar (turístico): a dialética de escalas no turismo”, demonstra-se como a atividade turística é constituída por elementos externos ao meio e como o lugar turístico, resultado da soma de verticalidades e horizontalidades, é central na análise/compreensão geográfica. Para debater a atualidade do turismo e os novos elementos que complexificam a dinâmica dessa

atividade, em especial diante do processo de plataformização da sociedade, tem-se a quinta seção “O período e o meio técnico-científico-informacional: constituintes dos lugares turísticos”. Por fim, as Considerações Finais. Assim, espera-se que a reflexão sobre essas categorias de análise e conceitos permita uma compreensão da atividade turística fundamentada em bases geográficas e filosóficas conectadas com a atualidade.

ESPAÇO GEOGRÁFICO, OBJETOS E AÇÕES: GUIA PARA O MÉTODO

De acordo com Morin, Motta e Ciurana (2009, p. 18), para conhecer as interfaces da vida é necessário estabelecer um “método como caminho”. O método, para esses autores, deve ser concebido como a atividade pensante do sujeito vivente e um ponto de partida para a compreensão da realidade. Ou seja, com o intuito de atingir um determinado fim, saber como “caminhar” é extremamente importante. Além do método, a teoria também se torna indispensável para compreender os fenômenos da existência humana. Inclusive, defende esses autores, “a teoria não é nada sem o método, a teoria quase se confunde com o método” (*ibidem*, p. 24). Isto é, para se analisar qualquer fenômeno é necessário estar imbuído de uma teoria e de um método, ou melhor, de um sistema coerente de ideias.

Milton Santos (2012a, p. 18) objetiva no livro *A Natureza do Espaço* estabelecer “a produção de um sistema de ideias que seja, ao mesmo tempo, um ponto de partida para a apresentação de um sistema descritivo e um sistema interpretativo da geografia.” Esse sistema de ideias de Milton Santos corresponde a uma teoria e um método. Sendo assim, esse autor desenvolve um conjunto de conceitos operacionalizáveis que subsidiam a análise geográfica, mas ressalta que a discussão geográfica de qualquer fenômeno socioterritorial deve partir do objeto estudo da geografia, que é o espaço geográfico. De acordo com Santos (*ibidem*, p. 21), pode-se definir o espaço geográfico “como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”. Mas o que realmente essa definição quer explicar?

O primeiro passo importante para compreender a definição do espaço geográfico diz respeito ao fato que os objetos devem ser entendidos integrados com as ações, assim como ações precisam ser compreendidas de maneira intrínseca com os objetos. Não há objeto isolado no espaço geográfico, pelo contrário, os objetos existem em sistemas, sendo influenciados e influenciando as ações. Estas, por sua vez, usam o território por intermédio dos objetos, sofrendo sua influência e os influenciando. Portanto, em qualquer análise espacial os objetos e



as

ações são inseparáveis e essa compreensão se torna, assim, um método de análise do objeto de estudo da Geografia.

Para os geógrafos, “os objetos são tudo o que existe na superfície da Terra” (SANTOS, 2012a, p. 72). Esse entendimento configura a perspectiva de que a configuração territorial (materialidade) é um aspecto da existência humana e central na análise geográfica. Porém, os objetos sem as ações são dispensáveis de conteúdo. É a vida quem os anima; ou melhor, são as ações que possibilitam suas existências. As ações, então, são o “processo, mas um processo dotado de propósito” (p. 78). Como a ação “é o próprio do homem” (p. 82), só este tem ação, afinal apenas o ser humano tem objetivo e finalidade. Por isso as ações dão sentido aos objetos, pois correspondem com a forma pela qual os homens, as empresas e as instituições utilizam esses objetos e, por consequência, o espaço geográfico².

De acordo com Santos (2012b), o espaço geográfico tem 5 elementos: homens, firmas, instituições, meio ecológico e meio ambiente construído (infraestrutura). Todas as atividades econômicas, em certa medida, têm esses cinco elementos como constituintes de sua própria existência.

No caso do turismo³, o meio ecológico e o meio ambiente construído se referem geralmente aos atrativos turísticos e à infraestrutura de funcionamento dessa atividade. Para Coriolano e Vasconcelos (2014), os atrativos comumente são naturais ou culturais, ou seja, dizem respeito a algum objeto geográfico (materialidade ou algo preservado). Porém, o que dá sentido aos atrativos – objetos – são as ações. Estas geralmente estão associadas aos homens, firmas (empresas) e instituições (Estado). Portanto, esses 3 elementos correspondem às ações e dotam de vida os objetos geográficos da atividade turística.

Diante dessa perspectiva, no turismo os homens podem ser compreendidos como a população trabalhadora, a população autóctone e os turistas. Cada um, à sua maneira, apresenta intencionalidade diferente e essa miríade de relações influencia na dinâmica da atividade turística. As ações do Estado (instituições), por sua vez, têm rebatimento espacial, por isso

² Santos (2012a) afirma que a intencionalidade é um dado imprescindível da realidade. Por exemplo, a intencionalidade não diz respeito apenas às ações ou aos objetos, a localização desses dois é hoje intencionalmente concebida. Segundo esse autor, “o *onde* determina o *como* do Ser, porque Ser significa presença” (p. 93). Ou seja, as ações são intencionais, os objetos são criados com intencionalidades, ambos são intencionalmente instituídos/localizados no território e não podem ser entendidos separadamente. Esta inseparabilidade das ações e dos objetos é o que atesta o fato de o espaço geográfico ser, hoje, um híbrido.

³ A atividade turística é definida pela Organização Mundial do Turismo OMT (2001) como o conjunto de atividades desenvolvidas por visitantes durante as viagens e estadas em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, negócios e outros. Essa definição é importante por três aspectos: a presença do visitante como elemento externo ao lugar; serviços oferecidos nos lugares turísticos para atender os turistas; e a motivação da viagem para o turista: atrativo turístico.

quando o Estado passa a intervir no intuito de dotar o território de obras que permitam a circulação e manutenção dos turistas, estabelece-se ações que criam objetos para consentir fluidez. Daí o papel do Estado ser essencial, como aponta Harvey (2020), para a existência de atividades econômicas. Além do Estado, as firmas (empresas) também compõem o sistema de ações (e de objetos) no turismo por intermédio das Atividades Características do Turismo (ACTs), tendo em vista que correspondem aos meios de hospedagem, agências, operadoras, restaurantes, transportadoras e todas as empresas que, de alguma forma, dependem do turismo para existir.

Para que a atividade turística exista é necessário o deslocamento de turistas para lugares com atrativos e infraestrutura turística, conforme demonstram Costa e Fonseca (2022a). Ou seja, só há turistas se houver empresas/firmas que permitam a vinda e a estada dos visitantes nas distintas localidades. Portanto, as ações (deslocamentos) dos turistas dependem das ações⁴ das firmas, que, por sua vez, existem influenciadas pelos objetos geográficos, isto é, pela materialidade do território – por um sistema de objetos. Dessa forma, os 5 elementos do espaço geográfico correspondem aos sistemas de objetos e sistemas de ações e se estabelecem de forma específica no turismo. Pode-se então inferir que a atividade turística existe a partir dos objetos e das ações integrados espacialmente.

Cabe ressaltar um ponto: não são todos os objetos e nem todas as ações que são turísticos. Há ações e objetos diretamente ligados ao turismo, há ações e objetos indiretamente ligados à atividade turística e existem ações e objetos sem relação com o turismo. Quando se fala em sistemas de objetos e sistemas de ações, refere-se aos usos que têm e como se vinculam a determinadas atividades. Portanto, a análise da atividade turística deve levar em consideração os objetos e as ações relacionados, de forma direta e indireta, com a atividade turística.

Fato é que há diversos locais sem relação com o turismo, pois a atividade turística se territorializa sempre de forma seletiva. Por isso, embora o espaço geográfico corresponda à totalidade, os objetos e as ações são seletivamente e intencionalmente localizados. Daí a eficácia das ações estar estreitamente relacionada com a localização (SANTOS, 2020), uma vez que é necessário objetos em lugares específicos para permitir determinadas ações. No turismo, os atrativos turísticos e a infraestrutura (sistemas de objetos) são essenciais para a presença dos turistas e das empresas (sistemas de ações), afinal a hospedagem, os restaurantes e a motivação para o deslocamento dos turistas são condição *sine qua non* da existência da atividade turística. Desse modo, para a existência da atividade turística, a presença conjunta das ações e dos objetos

⁴ Como os serviços oferecidos por essas firmas para o turismo: hospedagens, passeios, alimentação etc.



lugares é imprescindível e compreender teoricamente o turismo dessa forma permite análises conectadas com a realidade do fenômeno turístico.

TERRITÓRIO USADO: CATEGORIA DE ANÁLISE DA ATIVIDADE TURÍSTICA

De acordo com Kant (2015), o espaço e o tempo se impõem a tudo e a todos. Ambos são categorias *a priori* da existência humana. Como aponta Santos (2016), o espaço é uma instância social, isto é, um campo existencial da sociedade, assim como a política, a cultura e a ideologia. Por ser instância, o espaço não é produzido, afinal não é uma coisa. Na realidade o que existe é o território, que, ao ser usado, é constituído dos variados (e atuais) usos das distintas sociedades. Conforme afirma Souza (2019, p. 7),

o espaço geográfico - é uma instância, um conceito abstrato constituinte central do Método geográfico e seu objeto e este – o território usado – sua historicização específica, em função das dinâmicas das formações socioespaciais, ou seja, as particularidades que o modo de produção vigente – o capitalista – assume diante dos processos particulares, resultantes das relações sociais de cada formação territorial pela dinâmica da divisão internacional do trabalho.

Segundo Ortega y Gasset, o uso é uma categoria da existência humana. O homem, ao se relacionar com os outros e com suas circunstâncias, geralmente utiliza distintos objetos para viver. Por isso, para esse autor, “o uso seria, pois, um hábito social. O hábito é aquela conduta que, por ser executada com frequência, se automatiza no indivíduo e se produz ou funciona mecanicamente.” (ORTEGA Y GASSET, 2017, p. 225 e 226) Portanto, o devir humano precisa dos usos para existir. Como ressalta o autor, “o uso se manifesta como sendo um costume, não de um indivíduo, mas essencialmente trans-individual.” (p. 227) Assim, compreende-se que o uso existe a partir de diferentes atores e é uma característica da existência humana.

Santos e Silveira (2021), influenciados pelo debate do uso, não restringem a discussão de território apenas à noção de poder. Este, para Raffestin (1993), é compreendido como o aspecto definidor do território. Ao perceber que a noção de poder limita a compreensão do território, uma vez que nem todos os elementos do espaço exercem poder, afinal o território é utilizado por alguns como recurso e por outros como abrigo, Santos e Silveira (*ibidem*) preferem utilizar a ideia de uso, pois todos, sem exceção, usam o território. Devido a isso, a partir da constituição dos múltiplos usos no território, pode-se falar em território usado (SOUZA, 2021), tendo em vista que “a realização do uso se dá, obrigatoriamente, no território” (TOZI, 2005, p. 15886). Como consequência teórico-metodológica para o estudo dos fenômenos

socioterritoriais, “o território não é uma categoria de análise, a categoria de análise é o território usado.” (SANTOS, 1999, p. 18)

Desse modo, as análises territoriais devem partir do território usado, isto é, das ações e dos objetos concebidos espacialmente. Souza afirma que

a expressão material do espaço ‘é dada pelo uso que a sociedade faz do espaço. No entanto, esse uso se dá em circunstâncias históricas e em espaços regidos por normas e leis historicamente instituídas. Assim pelo uso, o espaço geográfico, esse espaço banal torna-se território usado, espaço da ação concreta, espaço do poder. Território usado, território abrigo, território como recurso são as resultantes do processo histórico do uso social do espaço geográfico historicizado que, para não ferir a constituição de um edifício metodológico, passa a ter outro conceito, aquele de território usado.’ O território existe quando usado e praticado socialmente – sendo uma categoria de análise social. (2015, p. 12)

Dessa maneira, o território usado está relacionado com os múltiplos usos das atividades no território. O uso se refere às ações e o território à localização espacial dos objetos (configuração territorial). Ou seja, as ações que as atividades têm nos lugares são os seus usos. Quando se analisa, por exemplo, o uso do território pela atividade turística, irá se observar como o sistema de ações dessa atividade age espacialmente junto ao sistema de objetos. E é por isso que o território usado se torna uma categoria de análise para o turismo, uma vez que se refere à forma como a atividade turística vai estabelecer ações nos lugares, isto é, no espaço geográfico em ato. O território usado, destarte, não é o todo, e sim um recorte do espaço geográfico que está (em sendo) usado por determinados atores (homens, firmas e instituições) de uma atividade.

Assim, o território usado pelo turismo se a refere a todos os elementos do espaço vinculados à atividade turística e que utilizam de diferentes formas o território. Portanto, é a soma desses usos que compõe o território usado pelo turismo. Cabe ressaltar que nenhuma atividade usa o espaço e todos os objetos em sua totalidade, mas utiliza parte do sistema de ações e parte do sistema de objetos. Destarte, o território usado diz respeito aos usos (ações e objetos) que constituem as práticas sociais (do turismo) no território.

Pode-se ressaltar ainda que os variados usos do território, em confluência, produzem paisagens, as quais são historicamente datadas e estão em constante processo de produção. Apesar de a paisagem ser uma categoria central no debate geográfico e muitas vezes o ponto de partida da análise, ela não é o espaço, mas parte deste. A paisagem é um recorte, um tempo parado. O território usado, por exemplo, diz respeito ao movimento, ao sistema de ações e sistema de objetos, ou seja, ao espaço geográfico. Por essa razão, a análise do turismo pode



partir

da paisagem, no entanto a categoria central sob a perspectiva espacial é o território (em sendo) usado.

MUNDO, TERRITÓRIO E LUGAR (TURÍSTICO): A DIALÉTICAS DAS ESCALAS NO TURISMO

À guia de método, as escalas espaciais são imprescindíveis no entendimento sobre a existência e a dialética da atividade turística. Por exemplo, a respeito dos fenômenos no mundo, de acordo com Masson (2018, p. 47),

a universalidade, a particularidade e a singularidade são categorias que expressam a estrutura do em-si da realidade, são, portanto, categorias lógicas que possuem uma gênese ontológica. O tratamento dado a elas, seja no campo da arte, ou da ciência, pelo marxismo, contribui para a superação de perspectivas analíticas que supervalorizam ou subestimam a singularidade e a universalidade, assim como daquelas que estabelecem relações mecanicistas, sem as necessárias mediações.

A dialética da realidade constitui essas 3 categorias: universalidade, particularidade e singularidade. Especialmente pode-se compreender o turismo segundo essa perspectiva.

Para Milton Santos (2012a), o mundo equivale à universalidade, o território à particularidade e os lugares à singularidade. A relação é, por isso, muito complexa. “O mundo se dá sobretudo como norma, ensejando espacialização, em diversos pontos, dos seus vetores técnicos, informacionais, econômicos, sociais, políticos e culturais” (p. 337). Dessa forma, não são todas as ações que dizem respeito ao mundo, mas apenas algumas que, como verticalidade, têm a força de alterar lugares e países. Algumas instituições e grandes firmas têm essa potência de influenciar diferentes localidades. O mundo, porém, será “apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares.” (*ibidem*)

Portanto, a partir do mundo há eventos e grandes empresas/instituições que, para realmente existir, devem se espacializar nos lugares. No caso do turismo, grandes instituições globais como a Organização Mundial do Turismo e a Organização Mundial do Comércio, redes hoteleiras internacionais, empresas aéreas e de propagandas correspondem ao mundo.

Essas possibilidades dependem ainda da existência de normas (leis, regras) que possam permitir a entrada de verticalidades no território, isto é, a particularidade. Sem a ação do Estado não há atividade turística. Se um país, por exemplo, limita a quantidade de visitantes, muito provavelmente a atividade turística não irá se desenvolver. Porém se outro país institui leis para

facilitar a circulação/entrada de turistas, há a possibilidade de haver crescimento da atividade turística. As políticas públicas, da mesma forma, desempenham função crucial no desenvolvimento do turismo, tendo em vista seu papel fomentador para que o “mundo” possa se realizar nos lugares. Por intermédio do papel do Estado, o “território normatizado” se torna imprescindível para a existência e consolidação da atividade turística.

O mundo e o território normatizado correspondem às verticalidades (universalidade e particularidade). São acontecimentos hierárquicos que, ao se instalarem nos lugares, modificam-nos. As ordens verticais agem como forças centrífugas que retroagem nos locais, deformando a estrutura anterior e criando, assim, uma nova ordem espacial, reestruturando os lugares de forma sucessiva. Isto é, a totalidade em um constante processo de totalização.

Se o mundo é um conjunto de possibilidades, o que existe efetivamente são os lugares. Palco da existência, é nos lugares onde as ações verticais e horizontais confluem. Um lugar é uma combinação “de normas e formas” e é quem “oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz” (SANTOS, 2012a, p. 338). Por ser onde a vida efetivamente se realiza e por ter a combinação das mais diversas variáveis, cada lugar será único e singular. Não há lugar igual a outro.

“O lugar é a oportunidade do evento. E este, ao se tornar espaço, ainda que não perca suas marcas de origem, ganha características locais. É como se a flecha do tempo se entortasse no contato com o lugar.” (SANTOS, 2014, p. 163) Portanto, cada evento traz ao lugar determinadas universalidades que se defrontam com o único, tornando o lugar singular. “Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 2012a, p. 339)

Assim, a soma dessa dialética se mertamofoseia nos lugares e faz com que seu aspecto individual seja fundamental como possibilidade de existência para as mais variadas atividades. A singularidade dos lugares é essencial para o turismo. Conforme aponta Harvey (2005), algumas atividades têm a possibilidade de auferir uma renda monopolista mediante o único. Por ser singular, o lugar pode apresentar algum meio ecológico ou formação histórica específica, algo que o próprio turismo extrai como atrativo turístico para permitir a visita do turista. Por isso essa singularidade sofre a influência de uma ordem global e do próprio território. A contradição desse fato é que, para o lugar ser considerado turístico, é necessário ter alguma diferenciação espacial. Porém, ao ter essa diferenciação, o próprio mercado conjuga o lugar e tende a homogeneizá-lo baseado em padrões de infraestrutura global. Essa dialética existe nos lugares a partir da influência do mundo e do território normatizado, isto é, do



universal, do particular e do singular – resultando em processos de homogeneização e de diferenciação espacial.

A relação dialética entre mundo, território e lugar vai transformar o espaço geográfico e influenciar os lugares de diferentes maneiras. Alguns teóricos, como Santos (2013) e Cruz (2003), por exemplo, dada a influência do turismo em diversas localidades, mencionam que os lugares se tornam turísticos. O lugar não é em si turístico, ao contrário, é mediante os múltiplos usos do turismo no território que os lugares se caracterizam como turísticos. São as verticalidades, geradas por intermédio de diversas redes geográficas, aliadas às horizontalidades que subsidiam todo o funcionamento da atividade turística nos lugares, criando, assim, os lugares turísticos.

Para Knafou (1996), os lugares turísticos são definidos através da presença de turistas. De acordo com esse autor, sem turistas não há lugar turístico. Segundo Fratucci (2000, p. 130), “o lugar turístico é, precisamente, o lugar do encontro do anfitrião com o turista, lugar onde seres humanos diferentes podem manter uma relação face-a-face e estabelecer uma troca de conhecimento, de sensações e de desejos” e completa afirmando que “vemos o lugar turístico como o lugar onde os fragmentos das redes mostram sua dimensão social concreta, pois é nele que o fenômeno turístico ocorre, solidária e repetitivamente, fruto da diversidade e das incertezas das relações entre a população local residente e os turistas.” (p. 132)

Portanto, o lugar turístico corresponde a esse acontecer múltiplo onde a atividade turística se realiza com a presença do turista. É, por óbvio, um recorte do espaço no qual há turistas, empresários, trabalhadores, população autóctone e objetos geográficos voltados para atender os desígnios dos visitantes – a partir dos atrativos e das ACTs. Assim, essa singularidade é essencial para o turismo, pois é no lugar turístico onde, de fato, essa atividade se realiza. Destarte, o turismo será a soma da relação entre o mundo e o território existindo efetivamente nos lugares. E é esse acontecer múltiplo (infraestrutura e ações do turismo com, por exemplo, a presença do turista) que define o lugar turístico.

O PERÍODO E O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL: CONSTITUINTES DOS LUGARES TURÍSTICOS

Como as atividades se realizam efetivamente nos lugares, os conteúdos globais e locais são dotados cada vez mais de técnica, ciência e informação. Dessa forma, o período e o meio técnico-científico-informacional estão sempre se reestruturando devido a magnitude de

transformações e inovações geradas pela competitividade das empresas em nível global (SILVA, 2022a).

A globalização, que já foi reestruturada nos anos 1980/1990 com a chamada acumulação flexível (HARVEY, 2016), passa por outro processo de repaginação a partir da inserção da plataformação e da indústria 4.0 na sociedade. Alguns autores, como Klaus Schwab (2019), afirmam que há hoje a aparição de um novo período da história – a quarta revolução industrial. Sem dúvidas, transformações estão ocorrendo e alterando os lugares de forma única com a chegada de plataformas como *airbnb*, *uber*, *Ifood* etc. A priori, considera-se salutar não afirmar a iminência de um novo período, pois não se percebe ainda o acréscimo de elementos além dos que definem o período e o meio atual: técnico-científico-informacional (SANTOS, 2020). O que se observa, porém, é que a questão informacional está sendo reestruturada, assim como foi durante a passagem do fordismo para a acumulação flexível, mas que isso não rompe por completo com a estrutura anterior – apesar das evidentes mudanças. Ou seja, é um processo atual de flexibilização das atividades econômicas em escala global que tem como principal consequência as mudanças das relações de renda/emprego geradas pelos aplicativos/plataformas.

Para Silva (2022b), as plataformas reestruturam as relações econômicas da sociedade, porque permitem uma relação muito mais flexível entre o consumidor e o produto por intermédio da *internet*. Todas as plataformas influenciam na dinâmica dos lugares, especialmente dos lugares turísticos, entretanto uma, em especial, ocasiona maiores transformações para o turismo, tendo em vista que permite uma urbanização turística com maior flexibilidade: o *airbnb*. Criada em 2009, com o intuito de ser um serviço *peer-to-peer*, “o *Airbnb* é uma ferramenta que oferece uma nova possibilidade de gerenciamento de hospedagem para locatários e locadores. A plataforma *online* conecta pessoas que têm imóveis (ou partes deles) disponíveis para aluguel em curtas temporadas com pessoas interessadas em se hospedar através da *Internet*.” (SOUZA E LEONELLI, 2021, p. 2)

Dessa maneira, as plataformas se tornam um novo dado socioterritorial que vai incidir nos lugares turísticos e alterar a estrutura econômica dessas localidades. A partir dos objetos geográficos vinculados às plataformas, os lugares turísticos irão competir em nível global mediante o acréscimo desses novos objetos (através de aplicativos como *decolar.com* e, especialmente, *airbnb*⁵) e de novos usos/novas ações. O sistema de objetos da atividade

⁵ Há, de fato, uma complexificação da atividade turística, afinal o *airbnb* é “uma plataforma online onde usuários podem alugar suas casas (inteiras ou de forma compartilhada) para hóspedes, através da mediação do site” (CRUZ DE

turística, portanto, será reestruturado, uma vez que o setor de hospedagem, com a hotelaria clássica, terá um novo concorrente com relações distintas e com uma flexibilidade muito maior, além de novos agentes. Assim, os lugares turísticos serão dotados de novos conteúdos devido às estadias que oferecem hospedagens pelo *airbnb*, o que possivelmente irá reestruturar os lugares turísticos – econômica e territorialmente.

Dessa forma, o meio técnico-científico-informacional se transforma de maneira constante graças a esses novos objetos técnicos e novas estruturas de funcionamento da atividade turística, por intermédio das plataformas, no espaço geográfico. As plataformas geram enormes implicações espaciais e os lugares turísticos, como refratários de infraestrutura turística e locais dos acontecimentos solidários, também sofrem mudanças. Com a maior flexibilidade permitida pelo *airbnb*, há a inserção constante de (novas) hospedagens flexíveis nos lugares, as quais são ressignificadas para atender visitantes. O período atual permite, assim sendo, tais transformações, uma vez que a unicidade técnica, mais-valia global e cognoscibilidade do planeta são quem caracterizam as relações econômicas globais e são permissionárias das transformações socioterritoriais dos lugares (SANTOS, 2020). Por isso, pode-se afirmar que os lugares (turísticos) se tornam mercadorias, haja vista que são oferecidos pelos novos aplicativos e, portanto, competem no mercado global devido às suas virtualidades.

Por causa disso a importância do lugar aumenta. O que se evidencia são os lugares incorporando determinados aspectos da globalização, especializando-se de forma distinta e, por conseguinte, fragmentando-se. Os lugares precisam de sua singularidade para competir. No turismo, os lugares turísticos necessitam de atrativos e de estadias para comportar o fluxo de turistas, além de serviços básicos oferecidos para a manutenção desses visitantes. Sendo assim, além dos objetos de hospedagem tradicionais, hoje “o *Airbnb* constitui-se em uma poderosa rede de conexões entre distintos lugares e escalas, evidenciando a assimetria das geometrias de poder (intensificadas por novas bases tecnológico-informacionais).” (CRUZ DE SIMONI e RUA, 2021, p. 5)

Portanto, o período técnico-científico-informacional provoca tais transformações no espaço geográfico, dotando o meio técnico-científico-informacional de novos objetos geográficos com caráter mais flexível e reestruturando os lugares turísticos. As possibilidades tecnológicas do atual período tornam os lugares mais competitivos e permitem que a oferta de estadas aumente demasiadamente, incorporando novos agentes à dinâmica do turismo, em

SIMONI e RUA, 2021, p. 6), demonstrando, assim, que a urbanização turística se prolonga e se torna mais flexível – trazendo a competição entre os lugares para um nível jamais visto.

especial a partir da pandemia da *Covid-19*. Desse modo, os lugares turísticos têm, de fato, novos conteúdos e se constituem diante de tais transformações, uma vez que são a soma das verticalidades com as horizontalidades presentes em uma localidade. O meio geográfico é ressignificado e tem sua estrutura alterada, haja vista que a “construção do meio técnico-científico informacional está subordinada às novas lógicas globais que articulam a tecnosfera e psicosfera na produção de novas necessidades.” (SILVA, 2022a, p. 291)

Cada modificação incide de forma distinta nos lugares, tendo em vista que a materialidade comporta objetos com conteúdos novos e antigos que coexistem de forma indissociável com as múltiplas ações. Como os objetos geográficos estão se reestruturando graças às novas lógicas globais flexíveis, os lugares turísticos têm sua estrutura alterada devido aos novos objetos e novos agentes. Há a possibilidade de os antigos objetos geográficos tradicionais do setor de hotelaria estarem sendo substituídos pelas plataformas, como apontam Costa e Fonseca (2022b), mas também há a possibilidade que haja apenas um aumento da oferta de estadas para comportar novos fluxos de turismo.

Fato é que esses novos objetos geográficos permitem novas ações e é no período técnico-científico-informacional que se percebe determinadas mudanças socioterritoriais nos lugares turísticos e, portanto, no meio geográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com isso, é possível afirmar que a análise espacial do turismo pode e deve partir da Geografia Nova de Milton Santos. O entendimento do espaço geográfico como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações é um guia e um método de estudo/análise. Compreendendo a atividade turística de acordo com essa definição, pode-se analisa-la de modo que se apreenda as múltiplas interfaces do fenômeno analisado, uma vez que as ações são entendidas de forma complementar com os objetos, bem como os objetos devem ser analisados com as ações. Os objetos e as ações são imprescindíveis para o turismo, pois correspondem aos elementos do espaço geográfico integrantes da atividade turística: homens, firmas, instituições, meio ecológico e meio ambiente construído.

Sendo assim, a principal categoria espacial de análise do turismo deve ser o território usado. A noção de produção do espaço torna este uma coisa, por isso o território usado corresponde, de melhor forma, às dinâmicas e seletividades dos usos em um determinado recorte espacial, isto é, no território. Unindo as duas categorias, território e uso, chega-se a esse

híbrido operacionalizável. O território usado é, destarte, categoria de análise central no estudo geográfico do turismo, haja vista que contempla os usos constituídos pela sociedade e, assim, refere-se ao presente e à dinamicidade espacial que cada atividade com seus elementos irá conceber no território.

A atividade turística, dada a sua complexidade, apresenta 3 escalas espaciais: mundo, território e lugar. É no lugar onde o turismo efetivamente se realiza, mas todos os lugares sofrem influência de elementos verticais. O lugar turístico, portanto, equivale ao local onde há o acontecer da atividade turística com a presença de turistas e de outros elementos – como instituições, população autóctone, trabalhadores, empresas, leis e, mesmo, ações estatais de fomento da atividade. No período técnico-científico-informacional, por exemplo, percebe-se mudanças socioterritoriais se tornando constantes mediante a observação de novos elementos externos. A plataformização é um dos elementos externos que tem o poder de alterar a dinâmica da atividade turística nos lugares turísticos, o que complexifica o entendimento do turismo. Assim, o lugar turístico muda sua forma-conteúdo a partir desses novos objetos geográficos que passam a fazer parte dos lugares e de sua própria paisagem.

Destarte, para compreender a atividade turística, pode-se trabalhar com conceitos e categorias de análise como lugar turístico, território usado e espaço geográfico. Portanto, a obra de Milton Santos oferece, de fato, subsídios teóricos relevantes e um método de análise que permite o estudo do turismo diante dessa perspectiva, conforme se observou neste trabalho. A Geografia Nova possibilita teoricamente analisar como a atividade turística se estabelece espacialmente no território, proporcionando compreender as múltiplas ações, escalas e os mais distintos agentes da atividade turística.

REFERÊNCIAS

CORIOLOANO, L. N.; VASCONCELOS, F. P. Lazer e Turismo: Novas Centralidades da Sociedade Contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. p.3–22, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/448>. Acesso em: 5 mar. 2023.

COSTA, H. A.; FONSECA, M. A. P. Turismo e interações espaciais no destino Natal/RN. **Para Onde!? Edição Especial - Geografia(s) do Turismo**, v. 16, n. 02, p. 114-135, 2022a. doi: <https://doi.org/10.22456/1982-0003.122030>

COSTA, H. A. da; FONSECA, M. A. P. da. Crises, Turismo e a Dinâmica dos Meios de Hospedagens em Natal/RN: Concentração Espacial. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 26, n. 3, 2022b. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2022.200920. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/200920> . Acesso em: 3 jun. 2023.

CRUZ, R. C. A. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

CRUZ DE SIMONI, J.; RUA, J. Lugares Rurais e espacialização do Capital: O Airbnb como evidência das urbanidades no rural em um espaço em globalização. **GEOgraphia**, v. 23, n. 51, 5 ago. 2021.

FRATUCCI, A. Os Lugares Turísticos: Territórios Do Fenômeno Turístico. **GEOgraphia** – Ano. II, Nº 4, p. 121-133, 2000.

HARVEY, D. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, D. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

HARVEY, D. **Os Sentidos do Mundo: textos essenciais**. São Paulo: Boitempo, 2020.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

KNAFOU, R. Turismo e Território: Por uma abordagem científica do Turismo. In: Adyr A. B. Rodrigues (org.). **Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MASSON, G. A categoria da particularidade como mediação para a produção do conhecimento: contribuições de György Lukács. **Cadernos do GPOSSHE On-line**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 29-48, 2018. DOI: 10.33241/cadernosdogposshe.v1i1.487. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/487>.

MORIN, E.; MOTTA, R. D.; CIURANA, E. R. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como um método de aprendizagem pelo erro da incerteza humana**. São Paulo: Cortez, 2009.

NOYA, L.; GOMES, C. L. **O direito ao lazer nas políticas públicas das capitais dos países andinos**. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2019.



ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

ORTEGA Y GASSET, J. **O Homem e os Outros**. Campinas: Vide Editorial, 2017.

RAFFESTIN, C. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, J. C. V. **Região e Destino Turístico: Sujeitos Sensibilizados na geografia dos lugares**. São Paulo: All Print Editora, 2013.

SANTOS, M. O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**. Ano XIII, Nº 2, Ago-dez, 1999.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. 4ªed. São Paulo: EDUSP, 2012a.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: EDUSP, 2012b.

SANTOS, M. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: EDUSP, 2014.

SANTOS, M. **Por Uma Geografia Nova**. São Paulo: EDUSP, 2016.

SANTOS, M. **Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

SCHWAB, K. **A Quarta Revolução Industrial**. São Paulo: Edipro, 2019.

SILVA, C. A. da. Milton Santos e Século XXI: meio técnico científico informacional para a compreensão do presente-futuro. **PerCursos**, Florianópolis, v. 23, n.51, p. 285 - 305, jan./abr. 2022a.

SILVA, A. A. da. O nexu financeirização-externalização e o seu impacto na empresa: uma abordagem à plataformização do trabalho. **Sociologia : Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, [S. l.], 2022b. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/12893>. Acesso em: 25 mar. 2023.

SOUZA, M. A. de. **Multidisciplinaridades na Pesquisa Geográfica Contemporânea**. In: Marcio Mendes Rocha, Estevão Garbin (coordenação). p. 7 - 22. Maringá: UEM - PGE, 2015.

SOUZA, M. A. de. Território usado, rugosidades e patrimônio cultural: refletindo sobre o espaço banal. Um ensaio geográfico. **PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades**, 2 (4), p. 1-17. 2019. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v2i4.26485>

SOUZA, M. A. de. A Geografia Renovada e a compreensão do mundo atual: teoria e método. **Boletim Alfenense de Geografia**. Alfenas. v. 1, n. 1, p. 21-56, 2021. <https://doi.org/10.29327/243949.1.1-2>

SOUZA, R. B., & LEONELLI, G. C. V. Airbnb no Brasil: uma nova agenda de pesquisa para os estudos urbanos. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v.13, e20200400, 2021. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.013.e20200400>

TOZI, F. O TERRITÓRIO BRASILEIRO: RECURSO PARA A PRIVATIZAÇÃO DAS TELECOMUNICAÇÕES. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – Universidade de São Paulo**, p. 15877-15897, 2005.